



# RUÍNAS DA GOMEIA

A ruína revelada é um espaço de contemplação e, portanto, um espaço do silêncio e reverência. Pouco restou do terreiro da Gomeia, uma vez que ele foi demolido antes de ser desativado. Entretanto, algumas estruturas permaneceram de pé, bem como sua pavimentação, isto é, seu chão, enterrado a 3m de profundidade.

Para definir o contorno de terreno a ser escavado, foram escolhidas três estruturas principais: a casa de morada de João da Gomeia, a casa do Caboclo Pedra Preta e o barracão do terreiro, mais especificamente seu ariaxé. Com a ajuda de coordenadas geográficas obtidas pelo arqueólogo Rodrigo Pereira, as três estruturas foram localizadas no terreno e, a partir de sua conexão, um desenho de escavação foi definido.

É esperado que a escavação revele mais do que as três estruturas principais, tais como os quartos de Obaluayê e Nanã, o roncô, o quarto de jogo de búzios e a cozinha litúrgica.

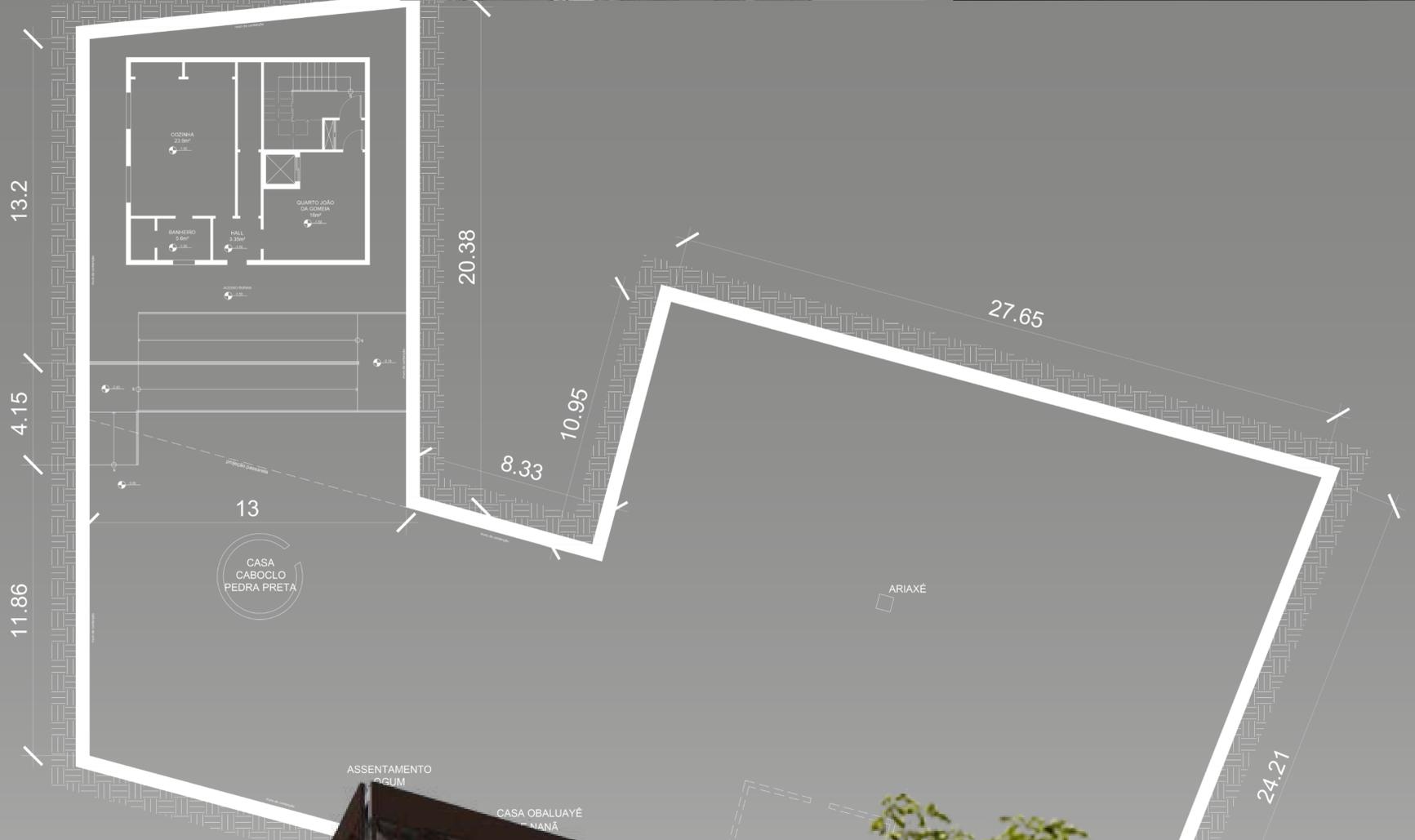
Os muros de contenção que circundam a área escavada foram pensados não apenas para conter a terra, mas também para terem o máximo de presença possível. A escolha da pedra em estado bruto confere peso e uma materialização radical da Gomeia ausente. Além disso, envolvem os visitantes numa atmosfera mais intimista, desconectando-os do mundo para além das escavações. Os muros erguem-se 4m acima do chão da Gomeia, transformando-se em guarda-corpos para a praça logo acima.



Perspectiva da área onde funcionou o barracão do terreiro, cujas escavações arqueológicas revelaram o ariaxé e partes remanescentes da arquiandada. Há a esperança de novas escavações revelarem remanescentes do roncô, quarto de jogo e búzios e cozinha litúrgica.



A casa de morada de João da Gomeia, ainda de pé, será consolidada em seu estado atual, limpa e revestida de branco. Ela constituirá o elo entre as ruínas e o memorial que se ergue logo acima e se transformará no ponto de partida para a visita às outras partes do terreiro extinto.



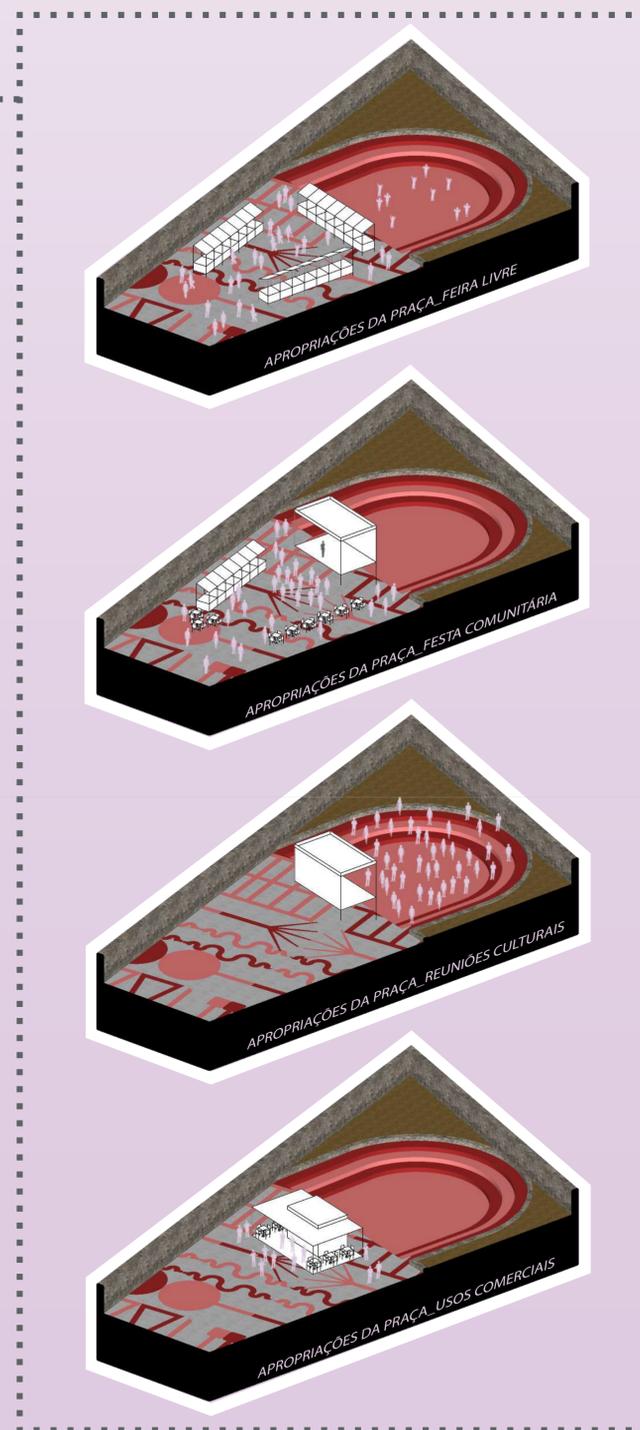
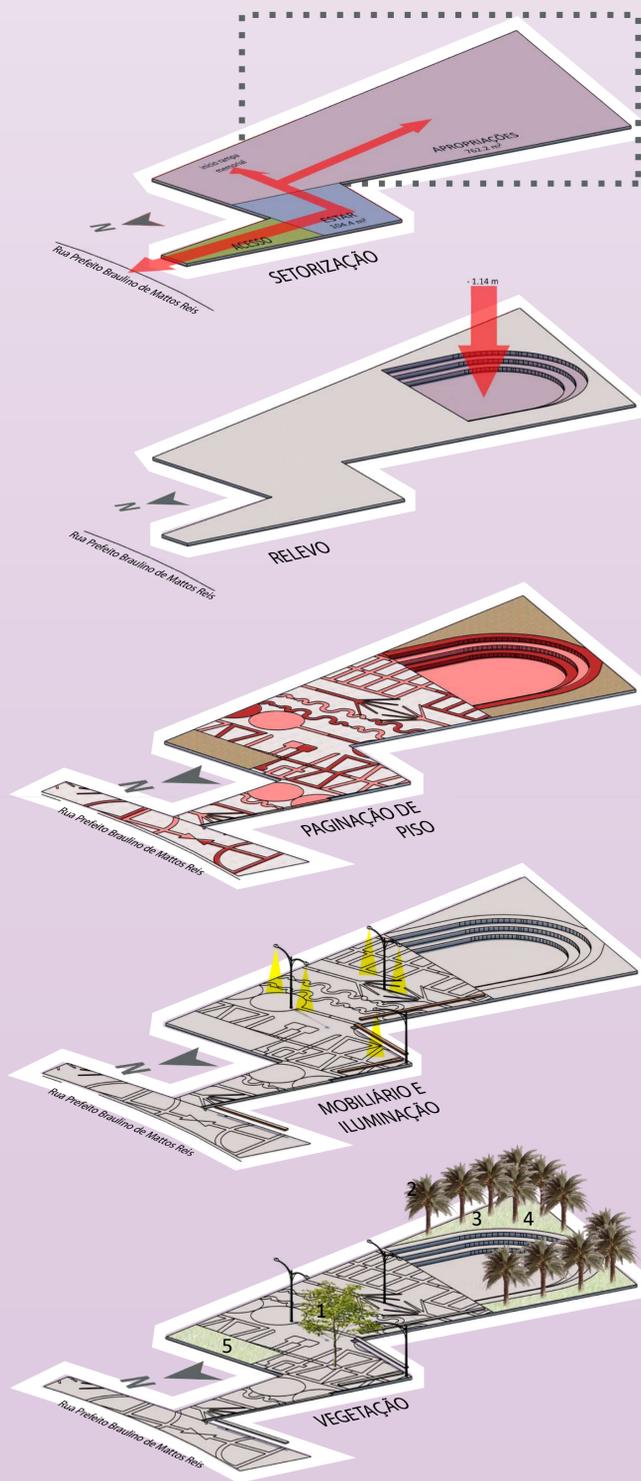
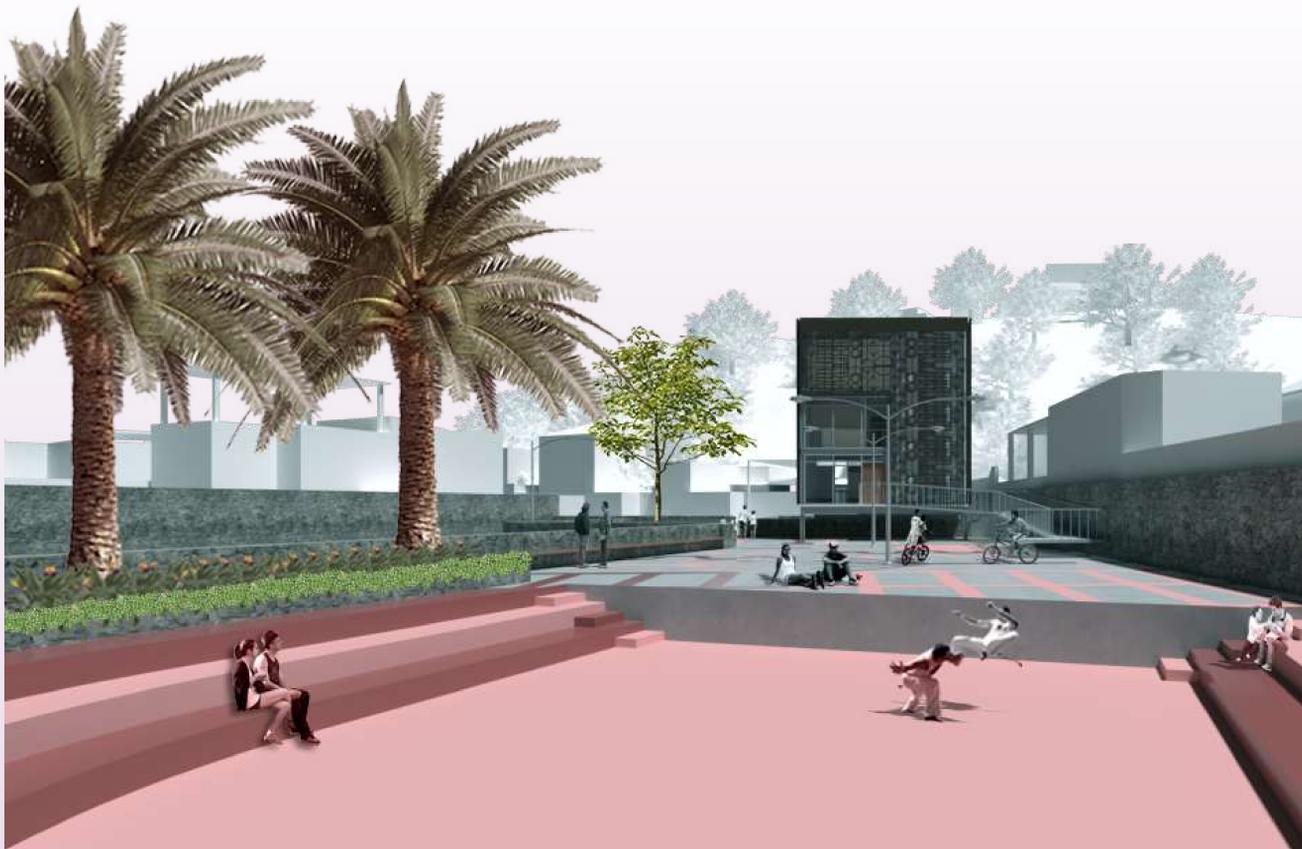
# PRAÇA TERREIRO DA GOMEIA

Consolidar o vazio que se transformou o terreno da Gomeia, qualificá-lo e oferecê-lo à comunidade local é o propósito deste espaço livre. Na verdade, a vizinhança do terreiro extinto já se apropria deste vazio há décadas, e é precisamente das apropriações feitas pelos locais que surgiu a inspiração para a qualificação deste espaço.

A praça está setorizada em três partes: um acesso, uma área de estar e uma grande área livre própria para ser ocupada por brincadeiras infantis, festas, feiras e reuniões diversas. Essa grande área livre se subdivide em duas: uma plana e outra em forma de teatro. Assim, pretende-se consagrar o uso efêmero e temporário que já vem sendo praticado ali pelos moradores da rua.

Por outro lado, a grande área livre oferece ao Memorial um espaço ideal para a promoção de sua própria agenda, ações educativas sobre a cultura afro-brasileira, homenagens à memória de João da Gomeia, mostras e eventos culturais, reuniões de lideranças do candomblé, etc.

A versatilidade do espaço fomenta o encontro e o ruído, que é o grande espírito de toda boa praça. O desenho de sua paginação de piso, inspirada nas ferramentas dos orixás, empresta um ar dinâmico e descontraído ao espaço. E seu paisagismo, além de oferecer sombra e beleza, alude ao universo do candomblé, na medida em que se utiliza de espécies consideradas sagradas para seus adeptos: o aroeira, o dendzeiro e a espada de São Jorge.



1. Aroeira  
*myracrodruon urundeva*



2. Dendzeiro  
*elaeis guineensis*



3. Grama-amendoim  
*arachis repens*



4. Estrelícia  
*strelitzia reginae*



5. Espada de São Jorge  
*dracaena trifasciata*



# MEMORIAL JOÃO DA GOMEIA

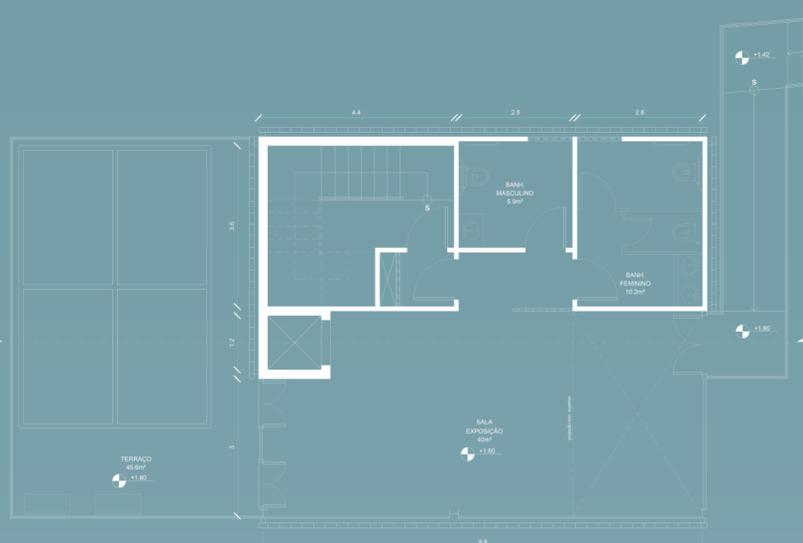
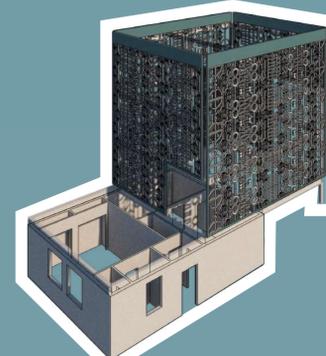
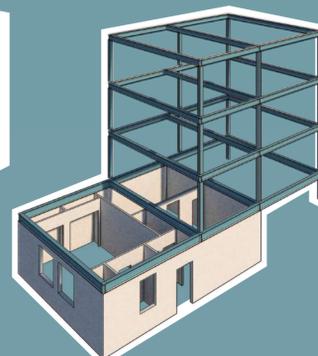
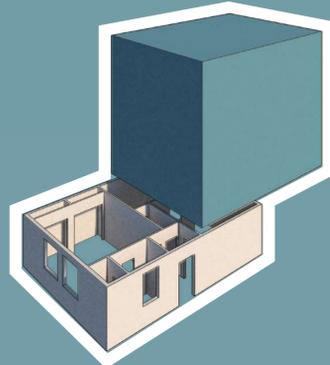
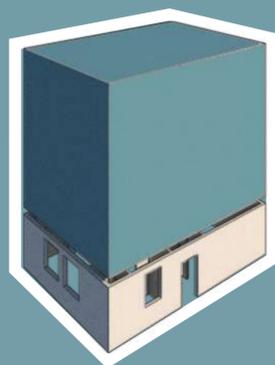
O edifício do memorial é uma presença por si mesmo, mas também é uma presença simbólica, na medida em que guarda em seu interior os objetos remanescentes da Gomeia. Trata-se do acervo de aproximadamente 60 peças oriundo do Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias, e os cerca de 400 artefatos (cacos cerâmicos, otás, pequenos objetos) provenientes das escavações arqueológicas de 2015 e 2016. Toda esta presença é que, junto com o edifício do memorial, tenta se desmaterializar, se diluir.

O volume do memorial nasce a partir da projeção exata das dimensões da casa do João da Gomeia, erguendo-se de forma pontual no terreno, sem se espalhar. O deslocamento no sentido longitudinal, além de dar dinamismo e criar um terraço interessante, afasta o volume do memorial da testada do lote, tornando-o mais discreto para quem o vê a partir da rua.

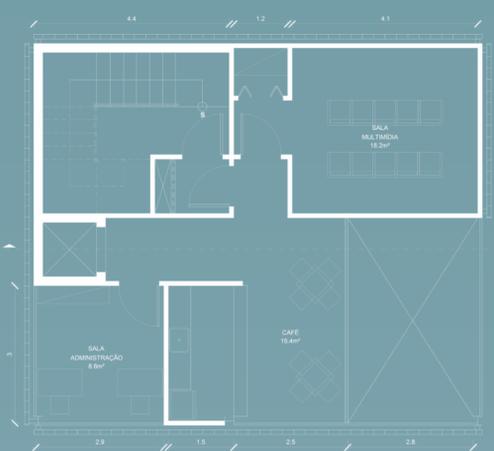
Para se obter vãos mais generosos que pudessem ser fechados com panos de vidro, optou-se pela estrutura metálica e por lajes em steel deck, tirando partido da esbeltez proporcionada por esse sistema.

Por fim, protegendo as fachadas da insolação, aço cortain perfurado envolve o edifício com uma pele que se assemelha a uma renda, cujo desenho foi obtido pela combinação de desenhos de ferramentas de vários orixás.

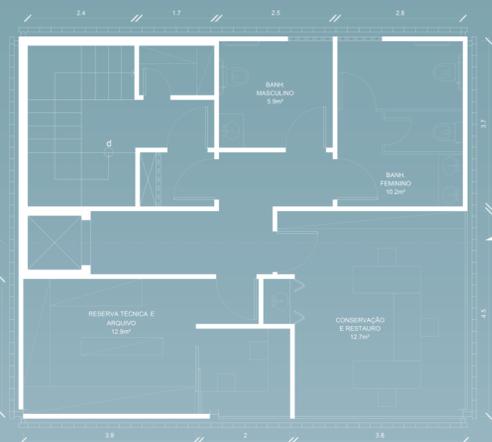
O coração do edifício está em seu 3o pavimento, onde estão o acervo técnico, arquivo e a sala de conservação e restauro, sendo o foco do memorial o trabalho de conservação da memória da Gomeia. A sala de exposição, por sua vez, no 1o pavimento, oferece a possibilidade de diferentes layouts e usos, para abrigar pequenas exposições e pequenos eventos.



MEMORIAL JOÃO DA GOMEIA - PLANTA BAIXA 1º PAV.



PLANTA BAIXA 2º PAV.



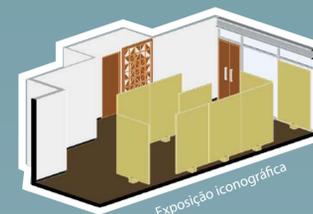
PLANTA BAIXA 3º PAV.



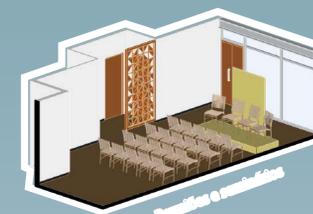
Usos e apropriações para a Sala de Exposições



Exposição de artefatos



Exposição Iconográfica



Eventos e Pequenas Reuniões

